

DOSSIER DE IMPRENSA

Manuela Jardim

Na feliz miscigenação das coisas





“Manuela Jardim... Na feliz miscigenação das coisas”

CASA DA LIBERDADE – MÁRIO CESARINY | Localização: [mapa](#) | Horário: 2ª feira a Sábado, das 14h às 20h

Clique para ver: [Catálogo](#) | [Imagens de Obras em Exposição](#) | [Imagens em Alta Resolução](#)

PT | A Casa da Liberdade - Mário Cesariny inaugura a 24 de Maio a Exposição individual de Manuela Jardim “Na feliz miscigenação das coisas”. A mostra apresenta um conjunto alargado de obras da autora, com peças de pintura, escultura e instalação inspiradas na diversidade da plasticidade exuberante da panaria histórica cabo-verdiana e guineense, tema que foi ao longo de vários anos alvo de um intenso processo de investigação por parte da autora. Nascida na Guiné, licenciada em escultura pela Universidade de Belas Artes de Lisboa, em 1975, Manuela Jardim frequentou depois cursos de gravura, têxteis e serigrafia na Fundação Ricardo Espírito Santo e no Institut National D’Education Populaire de Paris. A formação plástica inicial aliada ao trabalho de investigação no campo das raízes culturais, das matrizes étnicas e dos têxteis africanos, que intensificou sobretudo a partir de 2003, proporcionaram uma releitura sobre a sua própria cultura, que transpõe para uma obra contemporânea e muito singular. Da exposição “Na feliz miscigenação das coisas” emana esse olhar pessoal e sincrético sobre o sentido estético e o profundo significado humano que recolhe da ancestralidade dos objectos e que transforma por via da experimentação e reinvenção técnica dos processos criativos ancorados nas construções realizadas por gente anónima não apenas de África mas igualmente de outros horizontes geográficos.

Sobre a autora escreveram, entre outras personalidades, Maria Barroso e o grande mestre da pintura moçambicana, Malangatana, que dela disse: “Manuela Jardim preenche um espaço cultural numa dinâmica mais veloz que o tempo que temos (...) retracta para o mundo esse seu interior como cumpridora duma missão. Caminha, encaminhando outros para o saber sobre o mundo, que não seja só através daquilo que a natureza nos deu. Alimenta-nos daquilo que lhe vai na alma e engravida o espaço para colhermos os frutos que nos enriquece. Estarmos perante a sua obra é bebermos uma sabedoria que acrescenta o nosso conhecer.” Patente até 9 de Julho. Curadoria: Carlos Cabral Nunes.



Arte

arte@timeout.pt

No melhor pano cai a arte

Manuela Jardim apresenta trabalhos inspirados na tradicional panaria cabo-verdiana e guineense. **André Almeida Santos** ficou fascinado com as explosões de cores e formas da sua arte.

Não tem nada a ver com pão, tampouco é o condicional do verbo panar. Panaria é a produção de panos ou peças de tecido, normalmente para vestuário. É uma tradição ancestral em vários países africanos e há quem há muito tenha reconhecido a arte exposta no tecido. Aconteceu com Manuela Jardim, que gastou anos a estudar esta prática sem idade e deixou que a sua própria arte se contaminasse por ela. O resultado, ou boa parte dele, está na exposição que inaugurou há pouco na Casa da Liberdade – Mário Cesariny e por ali se manterá até 9 de Julho, com um título inspiradamente certo: *Na Feliz Miscigenação das Coisas*.

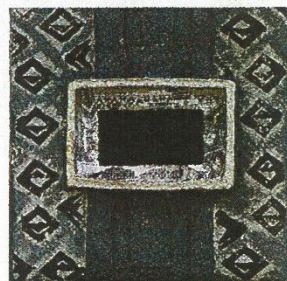
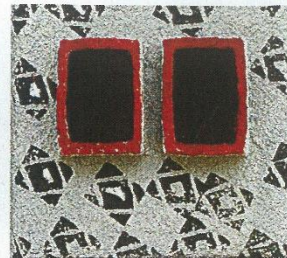
Nascida na Guiné em 1949, Manuela Jardim licenciou-se em escultura pela Universidade de Belas Artes de Lisboa em 1975 e formou-se em gravura, têxteis e serigrafia na Fundação Ricardo Espírito Santo e no Institut National D'Education Populaire de Paris. E foi esse trajecto que lhe permitiu ao longo da sua carreira discursar através de diversos materiais e formatos e construir uma obra rica, diversificada e, de certa forma, multidisciplinar.

Com curadoria de Carlos Cabral Nunes, a exposição

revela-nos uma tentativa de criar uma identidade feliz na exploração de linguagens e formas artísticas que foram entrando nos estudos da autora, com maior preponderância desde o início deste século. São trabalhos de pintura, escultura e instalação que exploram a investigação aprofundada que Manuela Jardim fez sobre a panaria cabo-verdiana e guineense. Trabalhos onde construiu uma identidade própria, fundou uma arte de enorme força telúrica e explorou a diversidade e a exuberante criatividade dos têxteis africanos.

Na Feliz Miscigenação das Coisas é não só um encontro com as origens mas também um modo de comunicar história, de a trazer para o presente e de a projectar no futuro. A artista parte da identidade dos seus objectos de investigação e cria peças que incorporam muitos outros elementos que oferecem horizontes esteticamente bonitos e – não há outra forma de o dizer – felizes. Peças onde a tradição é fácil e imediatamente

Ideias Construídas - Aromas da Memória II, 2015, técnica mista s/ serapilheira, 180x100 cm



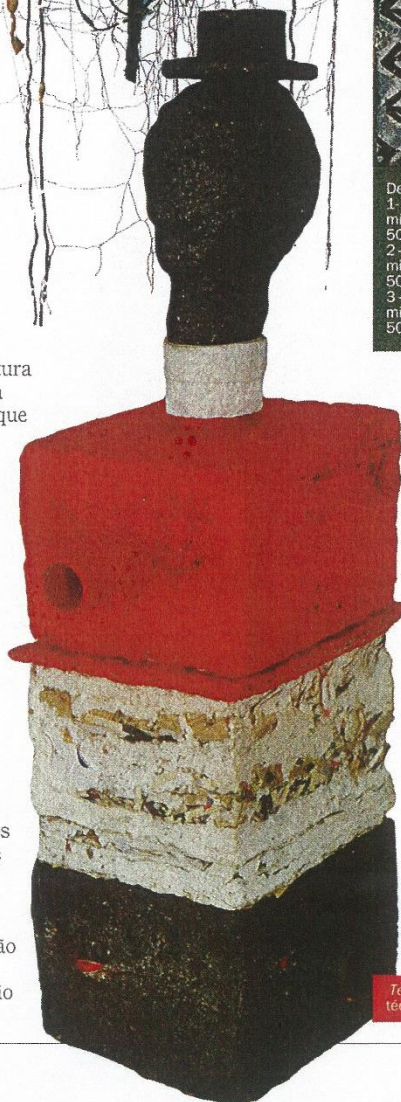
De cima para baixo
1- *Reencontros - XVII*, 2008, técnica mista s/ pasta papel artesanal, 50x05 cm
2- *Reencontros - XVI*, 2008, técnica mista s/ pasta papel artesanal, 50x05 cm
3- *Reencontros - XVIII*, 2008, técnica mista s/ pasta papel artesanal, 50x05 cm

identificável, mas onde um olhar mais atento descobrirá uma explosão de novas realidades. E aí chegamos à ideia de miscigenação, que traduz não só uma mistura de culturas, mas também de linguagens plásticas, de modelos artísticos e de formas gráficas com os quais o espectador pode até já se ter cruzado. Mas que nunca viu explorados com tamanha felicidade.

Na Feliz Miscigenação das Coisas

Até 9 de Julho, Casa da Liberdade – Mário Cesariny, R das Escolas Gerais 13. Seg a Sáb 14.00-20.00. Entrada livre

Templo de Mitos I, 2015. Escultura - técnica mista, 56x17x20 cm





InComunidade

CULTURA//

Maria Estrela Guedes

MANUELA JARDIM E A SUA ARTE MISCIGENADORA



obras da Série Cromofonias
expostas no Banco de Portugal
Lisboa, 2016

Transmutações - II, III, IV, V
Esculturas em tecido
23x37x7cm, 2005 (sempr)

Transmutações - I
Escultura, tec. misto
100x60x30cm, 2005 (sempr)

obras da Série Cromofonias
expostas no Banco de Portugal
Lisboa, 2016

Gosto 281

Tweet

62

Filha de um madeirense e de uma guineense, Manuela Jardim é uma criatura idêntica às que defende com a sua obra, de modo mais gritante na exposição que decorre (junho de 2016) na Casa da Liberdade, em Alfama, subordinada ao título: «... na feliz miscigenação das coisas».

É um excelente tema de trabalho, uma dessas "ideias construídas", como ela alega, em título de vários objectos. Poderíamos pensar que o mulato, mestiço ou fruto de mistura étnica em nada se relaciona com a arte, mesmo com aquela que usa técnicas e materiais mistos e de origem diversa. Errado: o princípio que gera ambos é o mesmo, mas para a arte é sobretudo estético o resultado, porque a arte quer-se original e o fruto da mistura é sempre novo, portanto nunca antes visto.

Se casarmos branco com branco, o resultado é sempre branco; ao fim de várias gerações, os resultados da obra em branco ficam tão deslavados, débeis e depauperados que começam a destacar-se as doenças, as malformações, a demência, aquilo que a nossa cosmovisão considera monstruoso. No mundo da pecuária, em que se preza tanto a raça pura, quando o rebanho começa a acusar sinais de degeneração, é a altura de injetar nele sangue novo, quebrando a lei consanguinidade. Hoje fala-se de genética, mas em tempos passados falava-se de sangue e de relações incestuosas. A moral proíbe-as, mas na base da moral o que vige é o conhecimento de que os frutos da consanguinidade podem ser degenerados. Que conhecimento? - eis o mistério, pois sabemos de tribos primitivas cujos costumes impedem o casamento entre jovens nascidos na mesma aldeia. E ainda agora, estava eu a ver um documentário na TV sobre painhos, aves marítimas, oíço o locutor dizer que as colónias nidificam sempre nos mesmos locais, salvo exceções, quando as aves se integram numa outra colónia, que nidifica em local diferente, evitando assim o depauperamento genético devido à consanguinidade.

«Que conhecimento?» - perguntei. Pois, como é que os primitivos sabiam? Como é que os animais sabem? Nós, humanos, na generalidade dos casos não sabemos e, para cúmulo, tendemos para amar a degeneração: permanece na mente o modelo nazi, a eleger o branco, louro, de olhos azuis. Esses modelos inculcam dois ideologemas: o da superioridade de certos grupos humanos e o da pureza racial. A pureza, seja racial ou outra, é moeda sem valor, e muito difícil de alcançar. Como escreve certa minha conhecida, «nem o álcool absoluto é puro a 100%»; se for álcool puro a 80% já conserva na perfeição.

Nós, humanos, não sabemos, salvo alguns interessados, para além de povos primitivos e cientistas. Mas os painhos, que são umas aves que também nunca foram à escola, como os primitivos, se não sabem, mesmo sem saberem saem da sua própria colónia e buscam os companheiros noutra, evitando assim os perigos da consanguinidade.

É muito fácil falar da arte quando a arte, como a de Manuela Jardim, nos puxa pela língua. E a arte dela tem aspetos conversantes, uma série de panos até tem o título de «cromofonias». É parte da miscigenação, esta de criar neologismos e de imaginar que as cores têm características sonoras como os animais falantes. Aliás a imaginação pode provir de forças mais profundas, visto que a sonoridade da cor, ou a cor do som, é algo que se manifesta em diversos poetas, haja em vista Rimbaud, com o seu famoso poema dedicado às cores das vogais; diz ele que o A é negro, branco o E, vermelho o I, que o U é verde e azul o O:

VOYELLES

*A noir, E blanc, I rouge, U vert, O bleu : voyelles,
Je dirai quelque jour vos naissances latentes :
A, noir corset velu des mouches éclatantes
Qui bombinent autour des puanteurs cruelles,*

*Golfes d'ombre ; E, candeur des vapeurs et des tentes,
Lances des glaciers fiers, rois blancs, frissons d'ombelles ;
I, pourpres, sang craché, rire des lèvres belles
Dans la colère ou les ivresses pénitentes;*

EXPOSIÇÕES

"Na feliz miscigenação das coisas"

Exposição individual de Manuela Jardim, onde são apresentadas 54 obras realizadas ao longo de uma década, entre 2005 e 2015.



A mostra é dedicada à memória de Maria de Jesus Barroso que, sobre a artista, escreveu repetidamente, afirmando tratar-se de “uma pintora de grande talento e rara sensibilidade”.

A mostra apresenta um conjunto alargado de obras da autora, com peças de pintura, escultura e instalação inspiradas na diversidade da plasticidade exuberante da panaria histórica cabo-verdiana e guineense, tema que foi ao longo de vários anos alvo de um intenso processo de investigação por parte da autora. Nascida na Guiné,

licenciada em escultura pela Universidade de Belas Artes de Lisboa, em 1975, Manuela Jardim frequentou depois cursos de gravura, têxteis e serigrafia na Fundação Ricardo Espírito Santo e no Institut National D'Education Populaire de Paris. A formação plástica inicial aliada ao trabalho de investigação no campo das raízes culturais, das matrizes étnicas e dos têxteis africanos, que intensificou sobretudo a partir de 2003, proporcionaram uma releitura sobre a sua própria cultura, que transpõe para uma obra contemporânea e muito singular. Da exposição “Na feliz miscigenação das coisas” emana esse olhar pessoal e sincrético sobre o sentido estético e o profundo significado humano que recolhe da ancestralidade dos objetos e que transforma por via da experimentação e reinvenção técnica dos processos criativos ancorados nas construções realizadas por gente anónima não apenas de África mas igualmente de outros horizontes geográficos. Sobre a autora escreveram, entre outras personalidades, Maria Barroso e o grande mestre da pintura moçambicana, falecido em 2011, Malangatana, que dela disse: “Manuela Jardim preenche um espaço cultural numa dinâmica mais veloz que o tempo que temos (...) retracta para o mundo esse seu interior como cumpridora duma missão. Caminha, encaminhando outros para o saber sobre o mundo, que não seja só através daquilo que a natureza nos deu. Alimenta-nos daquilo que lhe vai na alma e engravida o espaço para colhermos os frutos que nos enriquece. Estarmos perante a sua obra é bebermos uma sabedoria que acrescenta o nosso conhecer.” **Patente até 9 de julho.** Curadoria: Carlos Cabral Nunes.

24 MAI a 9 JUL

Casa da Liberdade - Mário Cesariny

Rua das Escolas Gerais nº 13
- 1100-218 Lisboa
Lisboa
Portugal

HORÁRIO: 2ª feira a sábado, das 14h às 20h



Cabral Nunes
galeria@pervegaleria.eu

Palavras-actos#72

Es-pon-tâ-ne-a

(latim *spontaneus*, -a, -um) adjectivo

1. Não aconselhado nem forçado; feito ou dito de livre vontade.

2. Que se realiza por si só e sem causa aparente; que não é provocado.

3. [Botânica] Que nasce e se desenvolve sem ser semeado ou cultivado e sem cuidados especiais. = BRAVIO, BRAVO, SELVAGEM, SILVESTRE

in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013

www.priberam.pt/dlpo/espont%C3%A2nea
[consultado em 05-04-2016]

Espontaneamente feliz

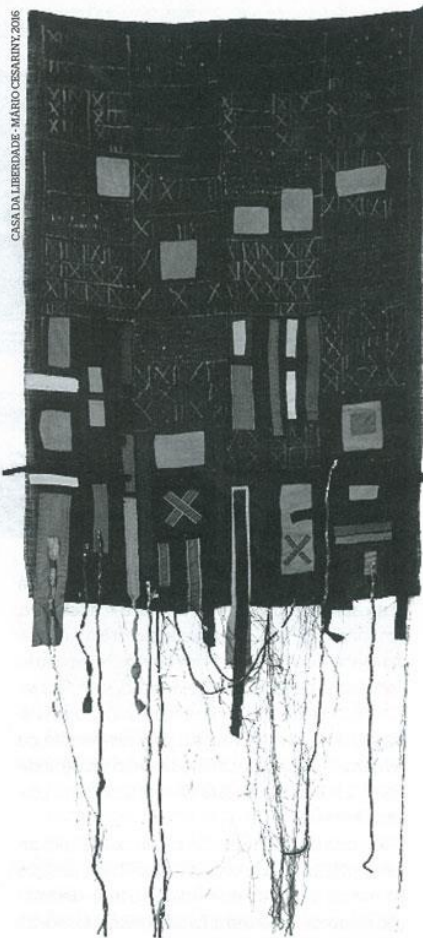
"Feliz quem não exige da vida mais do que ela espontaneamente lhe dá, guiando-se pelo instinto dos gatos, que buscam o sol quando há sol." Fernando Pessoa

Da possibilidade de miscigenação (feliz) das coisas, nos fala Manuela Jardim, não recorrendo ao uso de vocábulos, antes desafiando panos simples, porfiando rafia e sisal como se de seda se tratasse, tal a dignidade e beleza que empresta, ministra, às obras criadas.

Manuela Jardim é como que uma fada laboriosa, cuidando do destino dos que, não sabendo, dela dependem: os magos e os artifices de todas as latitudes. Funde na concreção do espaço o sintomático devir das coisas, une-as, embelezando-lhes a forma e o ser.

Nestas construções edificadas com recurso a materiais desperdiçados, fonte de saber acumulando-se no desperdício dos dias, Manuela reconstrói uma identidade há muito perdida: o momento em que não tinha havido ainda qualquer Babilónia apartando os povos, nem línguas divisionistas, nem estados. Apenas e só uma fruição única de todos os seres, consigo próprios. Claro que nos conta a história de um tempo inexistente mas não, de todo, impossível.

Há nestas obras um latejar, quase súplica, de entendimento, de apropriação dos medos e receios para que, num gesto subtil, redentor, nos possamos imaginar aí, nessa suspensão lívida, limpa, onde as civilizações se cruzam e se detêm. Se enamoram a tal ponto que deixam de existir singularmente, passam a ter uma voz e um destino comum. Sem fronteiras, nem quaisquer obstáculos à plena con-



Manuela Jardim. Ideias Construídas
- Aromas da Memória II. Técnica mista sobre sarapilheira, 150x100 cm, 2015

cretização da mais profunda e ancestral aspiração humana: a sua felicidade.

Por isso, esta minha permanente admiração, este espanto. Nas obras de Manuela Jardim encontro um fio tecido-condutor que nos pode elevar a uma percepção, outra, do mundo e de nós próprios. Na profusão iconográfica utilizada, na miscigenação dos símbolos, há uma forma admirável de redenção para as angústias deste tempo divisionista em que vivemos e isso, por si só, é uma realização notável. Surpreendente.

Foi um prazer (e uma honra) estabelecer com uma autora tão sensível e destemida, tão lúcida e a um mesmo tempo, sonhadora, um per-

curso e um diálogo que terminam, culminam, "Na feliz miscigenação das coisas", mostra assim intitulada para se dar evidenciar o início de um outro tempo no trajeto da artista. Espero, sinceramente, que esta exposição permita que seja dado a Manuela Jardim o reconhecimento que a sua obra merece e justamente reclama.

Da minha vivência, acumulada ao longo de quase vinte anos como galerista e comissário de exposições, relacionei-me com muitos artistas, alguns dos quais já falecidos e de quem guardo a maior saudade. Poucas ocasiões tive, contudo, de sentir o meu trabalho como algo tão decisivo, como neste caso. É que, na sua doce forma de existir, a artista nada espera para si, nenhuma razão evoca para justificar a atenção que ela e a sua obra devem merecer. É que estamos perante um caso único e os casos únicos, nas artes como em tudo na vida, sobretudo os que tocam qualquer espécie de semente-centelha de génio, devem merecer-nos toda a atenção.

CARLOS CABRAL NUNES - Maio 2016

Texto de introdução à exposição individual de Manuela Jardim, a decorrer na Casa da Liberdade - Mário Cesariny, em Lisboa, até 9 de Julho. "Na feliz miscigenação das coisas" apresenta um conjunto de 54 obras realizadas por Manuela Jardim ao longo de uma década, entre 2005 e 2015, e fruto de intenso trabalho de pesquisa que a autora realizou, nesse período, nas reservas do Museu Nacional de Etnologia, especialmente dedicando atenção à composição têxtil ancestral proveniente da Guiné-Bissau e de Cabo Verde. Sendo a mostra dedicada à memória de Maria de Jesus Barroso, recentemente falecida, transcreveu-se o que, sobre a artista, escreveu repetidamente, afirmando tratar-se de "uma pintora de grande talento e rara sensibilidade que já nos tem proporcionado, com os seus belíssimos quadros, momentos inesquecíveis de grande beleza e emoção. São as formas, são as cores que ela utiliza com uma mestria e imensa delicadeza que nos regalam os olhos e se inscrevem na nossa alma, compensando-nos da violência que está ferindo o mundo em que vivemos. A arte é um dos instrumentos que, humanizando a sociedade, pode ajudar-nos a vencer essa violência".

Catálogo da exposição, em versão digital, disponível em: www.pervegaleria.eu

AS

HORAS

EXTRAORDINÁRIAS

DESTAQUE TELEVISIVO | As Horas Extraordinárias, RTP 3, por Teresa Nicolau
Disponível em <http://www.rtp.pt/play/p2242/e239841/as-horas-extraordinarias>



MANUELA JARDIM
Artista

RUMOS

DESTAQUE TELEVISIVO | Rumos, RTP África, por Sandra Salgueiro
Disponível em <http://www.rtp.pt/play/p2338/e239051/rumos>





DESTAQUE TELEVISIVO | Bem Vindos, RTP África, por Cláudia Leal
Disponível em <http://www.rtp.pt/play/p2315/e239213/bem-vindos>



Casa da Liberdade - Mário Cesariny

Horário: 2ª feira a Sábado, das 14h às 20h
www.pervegaleria.eu

